

AS SANEFAS QUE TODOS QUEREM

MARIA DA LUZ NOLASCO*

Resumo: Num contexto alargado de encomendas de talha por privados e religiosos inscrevem-se alguns exemplares em talha, remanescentes, em reserva e em exposição no Museu de Aveiro/Santa Joana que se cruzam com outros itens idênticos entre si e inseridos em distintos espaços sacros, constituindo séries de um modelo específico de «sanefas» entalhadas e douradas do período rocaille. Pela sua especificidade daremos especial relevo a um caso particular da conceção e produção de sanefas¹ pelo mestre entalhador aveirense Manuel Ferreira e Sousa «filho», ativo nos finais do século XVIII (1775-1790) e que nos merece uma particular atenção pela proliferação deste modelo tão cobiçado por todos. A encomenda deste tipo de sanefa migra num círculo de influência alargado: no Convento de São João Evangelista das Carmelitas Descalças de Aveiro, no Convento de Jesus das Dominicanas de Aveiro, na Igreja da Apresentação da freguesia da Vera Cruz em Aveiro e, ainda, de modo deslocado, na Igreja Matriz de São João do Loure, do concelho de Albergaria-a-Velha.

Palavras-chave: Sanefa; Talha; Série; Comitentes; Fiéis.

Abstract: In a broad context of carving commissions by private individuals and religious people, there are some carved examples, remaining, in reserve and on display at the Aveiro Museum/Santa Joana, which intersect with other items identical to each other and inserted in different sacred spaces, constituting series of a specific model of carved and gilded «sanefas» from the rocaille period. Because of its specificity, we will pay special attention to a particular case of the design and production of pelmets¹ by the master carver from Aveiro, Manuel Ferreira e Sousa «filho», who was active at the end of the 18th century (1775-1790) and who deserves particular attention because of the proliferation of this model, which was so coveted by everyone. This type of pelmet was commissioned in a wide circle of influence: in the Convent of São João Evangelista of the Discalced Carmelites of Aveiro, in the Convent of Jesus of the Dominican Sisters of Aveiro, in the Church of the Presentation in the parish of Vera Cruz in Aveiro and even, in a displaced way, in the Mother Church of São João do Loure, in the municipality of Albergaria-a-Velha.

Keywords: Pelmet; Wood carved; Series; Principals; Believers.

1. UM CASO DE ESTUDO SINGULAR NA HISTÓRIA DA TALHA DOURADA EM AVEIRO E DE SEUS ARTISTAS

O Museu de Aveiro/Santa Joana conserva, valoriza e expõe permanentemente uma singular produção de obras em talha dourada. Contudo, preserva em reserva vários exemplares e equipamento complementar que são matéria de estudo constante, sendo muitas destas obras incompletas ou fragmentadas, deslocadas do seu local de origem e, como tal, identificadas como *itens* remanescentes, que pelo seu valor de testemunho possuem uma singular relação interpretativa e informativa. O seu valor de conjunto e individual é ilustrativo dos relatos históricos que os arquivos, as bibliotecas e as hemerotecas reúnem sobre as mudanças vividas no interior do Convento de Jesus de Aveiro

* Museu de Aveiro / Santa Joana / Museu de Aveiro / DAGS / Divisão de Cultura e Turismo / Câmara Municipal de Aveiro. Email: mlnolasco@cm-aveiro.pt. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3700-1627>.

¹ «Sanefas» no dicionário de Rafael Bluteau se «chamão os carpinteyros às ta- boas, que fe afrentão atraveITadas em affoalhados de madeyra, e nas quaes fe encabccção, e cafcgurarão as que vão ao comprido» (Bluteau 1720, vol. 07, p. 477).



Fig. 1. Sanefa colocada sobre moldura retabular na Igreja de São João de Loure, Albergaria-a-Velha. *Rocaille*. Sanefa idêntica às presentes nos Conventos das Dominicãs de Jesus e das Carmelitas Descalças de Aveiro, e na Igreja da Apresentação da Vera Cruz, em Aveiro, c. 1775-1779
Fonte: Fotografia da autora

e até sobre as mudanças e evoluções artísticas e patrimoniais operadas no território envolvente ao antigo convento, no qual se inserem várias casas religiosas da cidade de Aveiro, das quais daremos nota:

Mosteiro de Nossa Senhora da Misericórdia, de religiosos de São Domingos; de Santo António, de frades menores da província da Soledade; de carmelitas descalços, de Nossa Senhora do Carmo; de Jesus, de religiosas dominicas; da Madre de Deus, de Sá, de religiosas da Terceira Ordem de São Francisco; de carmelitas descalças, de São João Evangelista; do recolhimento de São Bernardino, de Terceiras de São Francisco (Cardoso 1747, pp. 682-688).

As fontes documentais consultadas, e entre estas os contratos e as escrituras a que tivemos acesso, dão-nos nota de uma clientela de prestígio constituída por privados, por irmandades e confrarias que subsidiavam empreitadas de acordo com a sua influência. Nas casas monásticas, para além da defesa do sustento conventual, contribuíam para as grandes obras de construção e subsequente renovação dos imóveis os «dotes» com que entravam as religiosas e os religiosos, as heranças de família, os aforamentos e arrendamentos de terras e bens de raiz, entre outros. A título de exemplo foi esta ordem de «Licença» concedida ao Mosteiro de Jesus por D. Afonso V, a 24 de agosto de 1476, nos seguintes termos:

Licença para que pudesse herdar, ter e possuir todos os bens de raiz que às freiras, que então nele estavam, fossem deixados por morte de seus pais ou parentes e que o dito Mosteiro os pudesse lograr, dar, vender, trocar ou escambar (AUC. Livro do Índice Geral do Cartório e Fazenda, t. 33, fl. 461, n.º 3; Christo e Gaspar 1986, p. 339).



Fig. 2. Sanefa da Igreja do Convento das Carmelitas de Aveiro, c. 1779. N.º de inventário 213/M. Século XVIII. *Rocaille*. Localização: reservas do MA/SJ, ala norte, 2.º piso
Fonte: Fotografia da autora

Neste contexto, incluem-se, na estrutura da identidade social e cultural da época vivida entre Quinhentos e Setecentos pela comunidade religiosa dominicana de Jesus de Aveiro, os padroados eclesiásticos e o arrendamento dos dízimos por parte das freiras num território alargado ao qual pertenciam as Igrejas de Valemaior, Fermelã, Canelas, Angeja, São João do Loure e São Paio de Frossos, em Albergaria-a-Velha, inseridas na *Zona-Sul* do distrito de Aveiro.

Era também relevante a contribuição de privados que, gozando de especial prestígio e/ou de um vínculo familiar, ingeriam na administração do património religioso. A título de exemplo, mencionamos o contrato redigido em 1668 para o retábulo da capela-mor da Igreja de Jesus de Aveiro ao escultor Domingos Lopes com planta do mestre «Fragoso»² (Lameira e João 2023), o qual remataria com as armas dos Tavares, os Senhores de Mira, tendo sido este ajustado pelo valor de 90 000 réis, valor mediado pelo cônego da Sé do Porto, Miguel Dias Cravão. Seria à época priora do Convento de Jesus a madre Maria dos Serafins (1666-1669). Contudo, percebemos que esta escritura não teve efeito (ADP. PO 2, n.º 127, fls. 15v-16; Brandão 1984, p. 367). Um outro exemplo da ação de privados na encomenda de obras em espaço religioso, para obtenção do direito a sepultura própria e proposição de missas, é o da contratação do retábulo-mor e do sacrário do Convento de Santo António, em Aveiro (1679), custeado pelo conde de Vila Verde, Jorge de Moniz, morgado e senhor da Casa de Angeja. O contrato foi estabelecido com os imaginários Domingos Nunes e António Gomes, moradores na Rua das Flores no Porto. A planta ou traça seria do padre Sebastião da Rocha Magalhães, o qual era dito ser «muito perito na arte da arquitetura», cumprindo aos imaginários aceitar a encomenda na condição «que aceitarão a dita obra

² Bartolomeu Fragoso (1654-1668). Oficial de pedreiro de entalhador e debuxador, desconhecendo-se em que localidade tinha a sua oficina. Em 1654, integrado na equipa liderada pelo mestre João Dias, de Coimbra, trabalha na obra do retábulo-mor da Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, eventualmente na feita do embasamento de pedraria (Lameira e João 2023, nota 241).

na forma da dita *trassa em presso* de cem mil rs.». O transporte da obra correria por conta dos mestres imaginários; de Ovar até Aveiro correria por conta do conde de Vila Verde (Brandão 1984, p. 474; ADP. PO 2, n.º 139, fls. 64-65v). O atual retábulo é posterior (c. 1740), concernente ao ciclo do joanino final (Gonçalves 1959, p. 134).

2. AS SANEFAS DO CONVENTO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA DAS CARMELITAS DESCALÇAS DE AVEIRO

Na área de influência e na proximidade ao Convento de Jesus das Domínicas de Aveiro temos o Convento de São João Evangelista das Carmelitas Descalças. A Igreja das Carmelitas apresenta três retábulos em talha dourada, o retábulo-mor e dois colaterais, contratualizados e escriturados junto «à grade e locutório do referido convento» (Brandão 1985, pp. 325-328), em 1709, ao mestre António Gomes, morador em Santo Ildefonso no Porto, tendo sido este mesmo mestre o entalhador escolhido para a obra de talha do conjunto da capela-mor da Igreja de Jesus, em 1725, a par com o mestre José Correia (Brandão 1985, pp. 692-702; ADP. PO 2, n.º 231, fls. 247-249v) pelas religiosas Domínicas. No caso do retábulo lateral das Carmelitas, em 1713, o mestre pintor-dourador seria Francisco da Costa Borges, de Aveiro³ (Brandão 1985, pp. 417-423). O exemplo específico das sanefas contratualizadas para o Convento de São João Evangelista das Carmelitas Descalças incidiu na escolha no mestre entalhador Manuel Ferreira e Sousa «filho», residente em Aveiro e ativo em 1779. Realçamos nestas sanefas das Carmelitas um detalhe técnico integrado no tabuado superior da sanefa, constituído por um mecanismo torneado em madeira, interno e em roldana, essencial para suspender os pesados cortinados.

É impossível dissociar a técnica das opções formais do desenho, do traço e das normas construtivas. Como tal, aos exemplares de talha cumpre sempre associar também os métodos de conceção e as soluções técnicas utilizados, tendo em conta os contextos da encomenda. No caso das sanefas, é evidente o conhecimento do mestre carpinteiro marceneiro na adoção deste singular mecanismo que possibilitava a suspensão de fortes e pesados reposteiros essenciais na armação decorativa dos espaços sacros. Acresce reforçar que era frequente a utilização de ornamentos para encobrir partes da igreja e embelezar a celebração do culto para o qual surgem as sanefas como suporte ideal ao aparato decorativo de simbolismo religioso.

A sanefa remanescente e deslocada do coro alto do extinto Convento das Carmelitas de Aveiro (c. 1905) integra as coleções do MA/SJ tendo sido inventariada com o n.º 213/M na base de dados MatrizNet, recentemente atualizada na plataforma de inventário Raiz. No extinto Convento de Jesus foi instalado o Museu Regional de

³ Consta do contrato a cláusula de garantia por 6 anos em que o mestre dourador seria obrigado a repor qualquer ouro caído ou defeito que surgisse no douramento, durante esse período. In ADA. *Notário* n.º 54, fls. 15-77v, [Livro de notas do Arquivo de Coimbra].



Figs. 3 e 3a. Sanefa da igreja do Convento das Carmelitas de Aveiro, c. 1779. Mecanismo torneado em madeira, interno e em roldana para suspensão dos cortinados

Fonte: Fotografia da autora



Fig. 4. Sanefa da igreja do Convento das Carmelitas de Aveiro. Detalhes de funcionamento

Fonte: Fotografia da autora

Aveiro durante a 1.^a República, em 1911, tendo sido entregue a direção a Marques Gomes. As obras deslocadas e provenientes de outros edifícios religiosos da cidade de Aveiro integraram, após a extinção das ordens religiosas decretada em 1834⁴, o acervo patrimonial móvel do Museu de Aveiro criado legalmente pela Portaria de 16 de junho de 1912.

A peça tem uma etiqueta colada no canto inferior esquerdo com a numeração 178, do inventário de 1784; a mesma sanefa tem uma outra etiqueta colada no canto inferior direito com o n.º 19 do inventário de 1922. Este número corresponde a uma sanefa dourada proveniente do Convento de São João Evangelista das Carmelitas Descalças de Aveiro, nos inventários de 1922 e 1942. O historiador padre Belinquete

⁴ Por esse diploma, eram declarados extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer outras casas das ordens religiosas regulares (art.º 1.º), dando origem à secularização dos bens e demais pertences e, consequentemente, à incorporação dos mesmos na Fazenda Nacional (art.º 2.º).

Fig. 5. Sanefa da igreja do Convento das Carmelitas de Aveiro, c. 1779. N.º de inventário antigo, validado nos inventários de 1922 e 1942. Transferência legal para o acervo do Museu de Aveiro, 1911
Fonte: Fotografia da autora



na obra *As Carmelitas em Aveiro: ontem e hoje*, em 1996, identificou no cadastro de 1905 a «sanefa de talha dourada n.º 28» fazendo-lhe corresponder um outro *item* registado no inventário de 1922 com o n.º 19; no inventário de 1942 é também identificada a mesma sanefa, mas com o n.º 89.

3. A FORMA COMO CONTEÚDO NA OBRA DE TALHA

Morfologicamente a sanefa é dividida na longitudinal por uma moldura em caveto⁵ com desenho de arco abatido ao centro; tem aba ou lambrequim a simular franja com motivos vegetalistas suspensos na forma de folhagem de acanto tripartida; remate em frontão quebrado com grinalda de flores; a secção central é ocupada por uma palmeta, folha de palma entalhada, recortada e dourada apoiada sobre voluta em «S» invertido; no extremo fecha a sanefa com pequenas aletas.

Características do novo gosto *rocaille*, foram introduzidos na arte da talha do ciclo rococó elementos inovadores como grinaldas, laçarias, conchas e rocalhas⁶. As novas figuras irregulares e destacáveis do suporte parietal e arquitetónico exigiam na conceção uma maior exploração de técnicas, de linguagens e de temas, nem sempre provenientes da Igreja.

A singularidade desta série de sanefas produzida por Manuel Ferreira e Sousa «filho» resultou na seleção de alguns exemplares a expor, dois séculos mais tarde, numa mostra internacional. Na Exposição de Arte Portuguesa em Londres, realizada na Royal Academy of Arts, patente ao público entre outubro de 1955 e março de 1956, foi exposta uma série de seis sanefas complementares e idênticas entre si, exemplares do ciclo do rococó, e inscritas como uma unidade sob o n.º 467. Numa das imagens selecionadas, é visível a exposição da sanefa sobre um pano bordado com motivos indo-portugueses, exposta no Central Hall ou Sala dos Coches (Reis-Santos 1956).

⁵ Moldura convexa cujo perfil em curva apresenta concavidade voltada para fora.

⁶ Forma em concha, recortada e vazada.



Fig. 6. Exposição de Arte Portuguesa na Royal Academy of Arts de Londres, 1955-1956
Fonte: Fotografia de Mário Novais (1899-1967)



Figs. 7 e 7a. Sanefas da Igreja de Jesus de Aveiro, c. 1775-1779.
N.º de inventário 168/M. Século XVIII. Rococó. Localização: reservas do MA/SJ, ala norte, 2.º piso
Fonte: Fotografia da autora

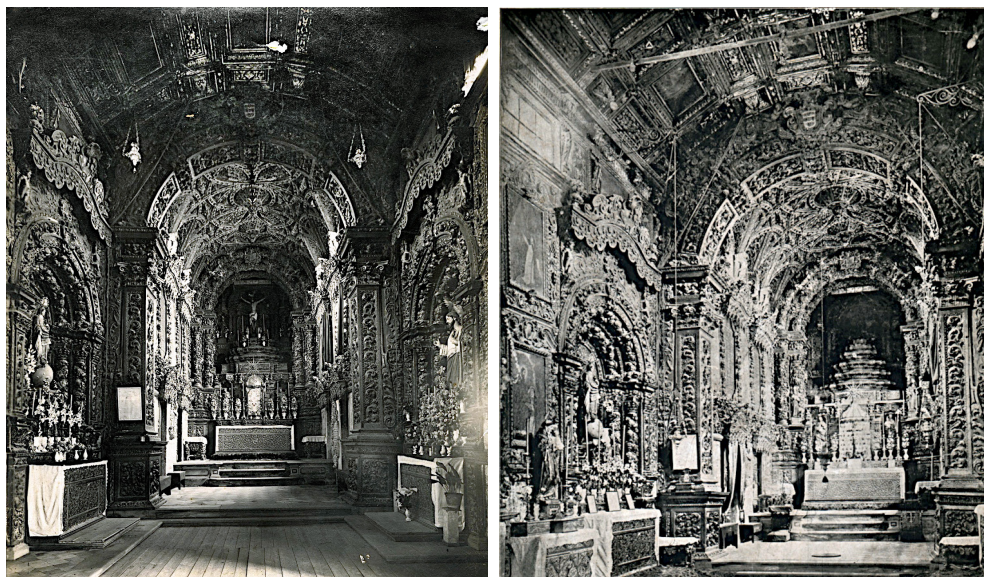
4. AS SANEFAS DA CAPELA-MOR DA IGREJA DE JESUS DE AVEIRO

Correspondem ao mesmo ciclo temporal e produtivo, com uma mesma autoria, o conjunto de oito sanefas da capela-mor da Igreja de Jesus de Aveiro. O entalhador responsável pela conceção destas sanefas é o já referido mestre Manuel Ferreira e Sousa «filho», natural de Aveiro. De acordo com a arquitetura da capela-mor, subsistem oito vãos integrados nos paramentos laterais complementares ao retábulo eucarístico. Correspondem aos vãos as oito sanefas, funcionando sobrepostas em dois níveis: quatro sobre as quatro portas a uma altura de 2,40 m e outras quatro sobre as quatro janelas a uma altura de cerca de 4,40 m. A imagem defendida por Robert C. Smith da harmoniosa unidade da talha barroca que «grandiosamente invade a superfície parietal da Capela» seria semelhante à de uma «caverna dourada», representação obtida em plenitude na Igreja de Jesus das Dominicanas de Aveiro (Smith 1962, pp. 169-170). Em *O Mosteiro de Jesus de Aveiro* de Domingos Maurício Gomes dos Santos (1963; 1967, p. 12), o insigne investigador descreve a cabeceira nascente do templo como a parte mais notável do revestimento da Igreja de Jesus, estando este espaço iluminado pelas vidraças e «lunetas baixas, em número de cinco» colocadas junto ao teto, a sul e a norte. As oito sanefas de talha dourada estariam colocadas sobre as quatro portas de vinhático «com boas almofadas e pregaria de bronze dourado», nas paredes sul e norte, permitindo os respetivos vãos a passagem para a sacristia principal (à direita) e para a primitiva sala do capítulo ou Capela da Assunção (à esquerda); as outras quatro sanefas estariam sobre as duas janelas envidraçadas do alçado sul e sobre as duas janelas com rótulas metálicas na parede norte, sendo atribuída a sua autoria a um mestre entalhador de Aveiro⁷, que passamos a citar:

Nas portas e janelas da Capela-mor, oito sanefas bem-feitas, mas dum género de talha diferente. Foram postas, em 1779, no tempo de Sórora Catarina Joana do Evangelista (1778-1780), e são devidas a um artista de Aveiro, filho do pintor Manuel Ferreira e Sousa (Santos 1967, p. 14).

Acresce dizer que Emmanuel Ferreira e Souza, «pintor», é pai do mestre entalhador Manuel Ferreira e Sousa «filho», residindo o oficial de pintura na Rua das Taipas no Porto. A ele se deve a autoria das seis telas que retratam cenas da vida da Princesa Santa Joana colocadas na capela-mor da Igreja de Jesus e encomendadas, ainda no ano de 1729, pela priora Luísa Maria de Santa Rosa (1720-1724) ou pela madre sóror Antónia Luísa Jacinta de Santa Joana, ou do Amaral (1727-1730). O preço do contrato da talha da capela-mor da Igreja de Jesus foi de três mil cruzados e trezentos mil réis. Como a obra não estava acabada no prazo estabelecido, o entalhador

⁷ Existem registos fotográficos que reportam à década de 1980, em que este conjunto de sanefas se integra na cenografia barroca da capela-mor (com o n.º de inventário 168/M).



Figs. 8 e 8a. Capela-mor da Igreja de Jesus com as vidraças, as telas e paramentos revestidos com talha dourada aplicada sobre o silhar de azulejo azul, c. 1910

Fonte: Arquivo do MAV/CMA

José Correia comprometeu-se a dar a obra assente e terminada na Semana Santa de 1728, lavrando-se a quitação e distrate a 1 de maio de 1728 (Brandão 1985, pp. 693-694). O contrato de douramento é celebrado em 1729 aos mestres Manuel da Silva de Coimbra e António José Correia, irmão do entalhador José Correia (Gonçalves 1971); as vidraças da igreja devem-se ao mestre vidraceiro Manuel da Costa Vale, do Porto (Brandão 1985, p. 694; ADP. PO-8, n.º 182, fls. 135v-137).



Fig. 9. Igreja de Jesus no início do século XX. As sanefas *rocaille* rematam os vãos envidraçados e as portas das paredes laterais da capela-mor

Fonte: Arquivo do MAV/CMA

5. AS SANEFAS DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO DA VERA CRUZ DE AVEIRO

O outro conjunto de sanefas a destacar pertence à Igreja de Nossa Senhora da Apresentação da Vera Cruz de Aveiro, a qual foi também enriquecida com nove sanefas e diversos florões de teto encomendados pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, no lugar da Vera Cruz, em 1779, ao então referido mestre entalhador aveirense, Manuel Ferreira e Sousa «filho».

O conjunto de nove sanefas em madeira entalhada e dourada da Igreja de Nossa Senhora da Apresentação de Aveiro é constituído pelos seguintes elementos: uma sanefa de grande dimensão adaptada ao arco cruzeiro; um par de sanefas sobre os altares colaterais; um par de sanefas dos altares laterais da nave; e quatro sanefas de menor dimensão colocadas no remate superior das portas da igreja. Correspondem ao modelo já descrito: peças longitudinais com moldura em caveto⁸ e perfil em arco abatido ao centro; têm aba ou lambrequim a simular franja com motivos vegetalistas suspensos na forma de folhagem de acanto tripartida; remate em frontão quebrado com grinalda de flores; a secção central é ocupada por uma palmeta, folha de palma entalhada, recortada e dourada; nos extremos fecha com aletas e uma rocalha⁹ ao centro sobre voluta em «S» invertido.



Fig. 10. Sanefa em talha dourada, *rocaille*.
Integra a série de nove sanefas da Igreja de
Nossa Senhora da Apresentação da paróquia
da Vera Cruz de Aveiro, c. 1779. Autor Manuel
Ferreira e Sousa «filho». N.º de inventário
PAVR12 0003

Fonte: Fotografia da autora

⁸ Moldura convexa cujo perfil em curva apresenta concavidade voltada para fora.

⁹ Forma em concha, recortada e vazada.

CONCLUSÕES FINAIS

Vários historiadores, como Flávio Gonçalves¹⁰, Domingos de Pinho Brandão (Brandão 1984-1985), Domingos Maurício (Santos 1963; Santos 1967) e Rangel de Quadros (Quadros 1978) referem o entalhador aveirense Manuel Ferreira e Sousa «filho» como o autor da talha das sanefas que encontramos em três igrejas distintas: duas de religiosas de clausura, a Igreja de Jesus e a Igreja das Carmelitas Descalças, e uma paroquial, a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação da Vera Cruz de Aveiro. São também confirmadas as obras e a autoria pelos investigadores Rocha Madahil, Francisco Ferreira Neves e José Pereira Tavares (1952, vol. XVIII, pp. 186-276; 1957, vol. XXIII, pp. 121-181) e por António Nogueira Gonçalves (1959, pp. 116-117, p. 140). A morfologia, a técnica e a gramática decorativa de cada uma das sanefas outrora integradas na capela-mor da Igreja de Jesus obedecem ao mesmo modelo e tipologia das existentes no Convento das Carmelitas Descalças de Aveiro e nas da Igreja da Apresentação da Vera Cruz de Aveiro. A iconografia floral e vegetalista entalhada na madeira, recortada e vazada com ondeados assimétricos, reflete e replica a leveza dos tecidos outrora suspensos, em que o pregueado denso dos panos se fixava nas sanefas criando um aparato de conjunto pleno e envolvente sem lugar ao vazio, deslumbrando (ou intimidando) o observador-fruidor. As rocalhas e a folhagem de acanto revelam a simbologia da natureza na arte cristã apelando a elementos da vida comum, «catequizando» o crente ou libertando-o «espiritualmente».

O conjunto de sanefas aqui descrito corresponde à conceção e identidade formais de um modelo específico na arte da talha, relacionando entre si vários exemplares dispersos em distintos lugares da região de Aveiro, proliferando um modelo enquadrado em séries de peças idênticas entre si e inscritas num mesmo período estilístico: o correspondente ao gosto delicado do *rocaille*, tão exemplarmente manifestado na arte portuguesa da talha dourada, de meados de Setecentos.

FONTES

Arquivo Distrital de Aveiro

ADA. *Notário n.º 54*, fls. 15-77v, [Livro de notas do Arquivo de Coimbra].

Arquivo da Universidade de Coimbra

AUC. *Livro do Índice Geral do Cartório e Fazenda*, t. 33, fl. 461, n.º 3.

Arquivo Distrital do Porto

ADP. PO 2, n.º 127, fls.15v-16; PO 2, n.º 139, fls. 64-65v; PO 2, n.º 231, fls. 247-249v; PO 2, n.º 139, fls. 64-65v; PO 2, n.º 231, fls. 247-249v; PO-8, n.º 182, fls. 135v-137.

¹⁰ Destacamos uma das reuniões de Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais ocorrida em 1964 no Museu Regional de Aveiro, revelando nomes de mestres entalhadores e douradores na comunicação sobre *A Talha de Aveiro, subsídios para o seu estudo* por Domingos Pinho Brandão e Flávio Gonçalves, revelando o mestre de Landim, Francisco Machado, com o qual a Irmandade do Santíssimo Sacramento contratualizou em 1716 o conjunto retabular da capela-mor da Igreja da Apresentação, Vera Cruz, Aveiro.

BIBLIOGRAFIA

- ANTT, 1993. *Inventário coletivo dos registos paroquiais*. Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura. Vol. 1: *Centro e Sul*. ISBN 972-8107-08-0.
- BELINQUETE, José Martins, 1996. *As Carmelitas em Aveiro: ontem e hoje*. Aveiro: Edições Sinai.
- BLUTEAU, Rafael, 1720. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa: na Oficina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade. Vol. 07: *Letras Q-S*.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, 1987. *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação*. Porto: [Oficinas Gráficos Reunidos]. Vol. IV: 1751-1775.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, 1986. *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação*. Porto: [Oficinas Gráficos Reunidos]. Vol. III: 1726-1750.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, 1985. *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação*. Porto: [Oficinas Gráficos Reunidos]. Vol. II: 1700-1725.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, 1984-1985. *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. Subsídios para o seu estudo*. Porto: Diocese do Porto; Câmara Municipal do Porto; Alemanha: Centro de Estudos Humanísticos Erzbistum Koln, vols. I, II, III, IV.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, 1984. *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação*. Porto: [Oficinas Gráficos Reunidos]. Vol. I: *Séculos XV a XVII*.
- CARDOSO, P. Luíz, 1747. *Dicionário Geográfico, ou Notícia Histórica de Todas as Cidades, Vilas, Lugares e Aldeias [...]*. Lisboa: na Régia Oficina Sylviana.
- CHRISTO, António, e João Gonçalves GASPAR (P.E), 1986. *Calendário Histórico de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- DEBRAY, Régis, 1992. *Vie et mort de l'image. Une histoire du regard en Occident*. Paris: Gallimard. ISBN 9782072095665.
- DIAS, Pedro, 1995. *A Viagem das Formas*. Lisboa: Editorial Estampa.
- FALCÃO, José António, coord., 1997. *As Vozes do Silêncio: imaginária barroca da diocese de Beja*. Lisboa: Editora Estar.
- FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, 2000. Robert C. Smith e a talha do reino. Em: Manuel da Costa CABRAL, e Jorge RODRIGUES. *Robert C. Smith, 1912-1975. A investigação na História de Arte/ Research in History of Art*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Belas-Artes, Arquivo de Arte, pp. 146-161.
- FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, 1989. *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela. Materiais e Técnica)*. Porto: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto. 2 vols. Documentos e memórias para a história do Porto, XLVII.
- GOMES, João Augusto Marques, 1899. *Subsídios para a História de Aveiro*. Aveiro: Typographia do Campeão das Províncias. Ed. fotocopiada a partir da impressa.
- GONÇALVES, António Manuel, 1965. *Reunião em Aveiro dos conservadores dos museus e dos palácios e monumentos nacionais*. Aveiro: Oficina da Coimbra Editora. Separata Arquivo do Distrito de Aveiro, 31.
- GONÇALVES, António Nogueira, 1959. *Inventário Artístico de Portugal*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes. Vol. 6: *Distrito de Aveiro, Zona-Sul*.
- GONÇALVES, Flávio, 1971. *A Talha da Capela da «Árvore de Jessé» da Igreja de S. Francisco do Porto e os seus autores*. Porto: Livraria Fernando Machado.
- LAMEIRA, Francisco, e Martina del Rio JOÃO, 2023. *Retábulos nas dioceses da Guarda e de Viseu* [Em linha]. Promontoria Monográfica. História da Arte, 35 [consult. 2025-04-29]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/19735>.

- LAMEIRA, Francisco, e Vítor SERRÃO, 2005. O retábulo em Portugal: o Barroco Final (1713-1746). *Promontoria*. Loulé: Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve. Ano 3, (3), 287-315.
- LAMEIRA, Francisco, e Vítor SERRÃO, 2003. O retábulo proto-barroco da capela do antigo Paço Real de Salvaterra de Magos (c. 1666) e os seus autores. Em: *Barroco. Actas do II Congresso Internacional*. Porto: FLUP. Departamento de Ciências do Património, pp. 215-226.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha, Francisco Ferreira NEVES, e José Pereira TAVARES, dir., 1957. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: [s.n.]. Vol. XXIII: *Iconografia da Infanta Santa Joana*.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha, Francisco Ferreira NEVES, e José Pereira TAVARES, dir., 1952. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: [s.n.]. Vol. XVIII: *Iconografia da Infanta Santa Joana*.
- QUADROS, José Reinaldo Rangel de, 1978. Aveiro: Apontamentos Históricos. Aveiro: [s.n.]. Polycopiado.
- REIS-SANTOS, Luís, 1956. Significado e Aspetos da Exposição de Arte Portuguesa em Londres. *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Lisboa: SNICPT. Junho, 3.ª Série, (2).
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, 1967. *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*. Lisboa: Companhia de Diamantes de Angola (Diamang). Publicações Culturais, 65. Vol. II/1, 2, 3 de *Museu do Dundo: Estudos de História (ultramarina e continental)*.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, 1963. *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*. Lisboa: Companhia de Diamantes de Angola (Diamang). Publicações Culturais, 65. Vol. I/1, 2, 3 de *Museu do Dundo: Estudos de História (ultramarina e continental)*.
- SERUYA, Ana Isabel, et al., 2004. Policromia: a escultura policromada religiosa dos séculos XVII e XVIII: estudo comparativo das técnicas, alterações e conservação em Portugal, Espanha e Bélgica: Atas do Congresso internacional. Lisboa: Instituto Português de Conservação e Restauro.
- SMITH, Robert C., 1962. *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SMITH, Robert C., 1950. *The Portuguese wood carved retable, 1600-1750*. *Belas-Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. 2.ª Série, (2), 16-57.
- SORENSEN, Lee, e Rudolf WITTKOWER, 2017-09. *Dictionary of Art Historians*sv [Em linha] [consult. 2025-04-30]. Disponível em: <https://arthistorians.info/>.